

A construção da grande siderurgia e o orgulho de ser brasileiro: entrevistas com pioneiros e construtores da CSN¹

Verena Alberti
CPDOC-FGV

Refletir sobre o Brasil e sobre os brasileiros tem sido uma prática comum nessa virada de milênio, especialmente em função das comemorações dos 500 anos do Descobrimento. Há orgulho de sobra quando se fala da beleza e da riqueza naturais. Quando o assunto é educação, entretanto, o diagnóstico é sombrio: não se investiu na formação do povo, que, agora, está despreparado para o mercado de trabalho e para o exercício da cidadania.

Tomando como pano de fundo o debate atual sobre as identidades do Brasil e dos brasileiros, este trabalho discute alguns aspectos que sobressaem de um conjunto de entrevistas de história oral realizadas pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) entre 1998 e 1999, com pioneiros e construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), criada em 1941.² Destacam-se, na avaliação do Brasil de então, a crença na construção de um país afinado com o progresso e a indiscutível capacidade intelectual do trabalhador brasileiro.

1.

A fundação da CSN, em abril de 1941, e sua entrada em operação, em 1946, constituíram marcos importantes na história do país, porque significaram a realização do projeto da grande siderurgia. Até então o Brasil só dispunha de

¹ Trabalho apresentado no GT "Trabalho", durante o V Encontro Nacional de História Oral, realizado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais, de 24 a 26 de novembro de 1999.

² Em 1998, o CPDOC estabeleceu um convênio com a Fundação CSN, que resultou em diversos produtos: desde a edição da entrevista de história de vida com o principal artífice da CSN, Edmundo de Macedo Soares e Silva, realizada pelo CPDOC entre 1986 e 1987, até a

siderurgias a carvão vegetal, sendo a maior delas a Belgo-Mineira. Montar uma grande siderúrgica envolvia muitos desafios, principalmente técnicos e humanos. Os projetos de construção contaram com a consultoria da empresa norte-americana Mc Kee, à época instituição de ponta na construção de usinas siderúrgicas. As obras foram implementadas com cerca de 130 técnicos brasileiros, 50 norte-americanos e sete mil operários brasileiros, todos trabalhando no imenso canteiro de obras em que se transformou Volta Redonda, então distrito de Barra Mansa. Além de contribuir para o claro avanço da industrialização, a fundação da CSN em plena Segunda Guerra Mundial estava associada à produção de matéria-prima para a indústria bélica. A usina era considerada parte do esforço de guerra, e os funcionários que a abandonassem podiam ser considerados desertores.

A própria história de Volta Redonda se confunde com a história da CSN. Até hoje os moradores daquela época se referem a “Volta Redonda” como sendo a parte da cidade que ficava fora da área da CSN. Porque a Companhia tinha um terreno enorme, que incluía a Vila, o Laranjal e outros bairros, cujas construções pertenceram à CSN até meados da década de 1960, quando foi criada a imobiliária Cecisa, que passou a administrar esses imóveis.

Para compreendermos o que foi montar uma usina e uma cidade naqueles tempos e o que significou isso para o desenvolvimento econômico do país, os testemunhos dos pioneiros e construtores são uma contribuição inestimável. Este trabalho baseia-se em cerca de 30 horas de entrevistas gravadas com 11 profissionais (engenheiros, pedreiros, técnicos, pessoal administrativo e um médico), que têm hoje entre 74 e 85 anos de idade e que participaram da implantação da CSN nas décadas de 1940 e 1950.

2. O orgulho da usina

Em 1940, apenas 31% da população brasileira (composta de pouco mais de 41 milhões de habitantes) vivia nas cidades. Nossa indústria de bens de consumo não duráveis, especialmente de alimentação e vestuário, já era

elaboração de um livro sobre a história da CSN, passando pela realização de entrevistas de história oral com pessoas que tiveram atuação destacada na história da usina.

bastante desenvolvida, atendendo a mais da metade da demanda interna. Mas as indústrias de bens de capital e de consumo durável praticamente inexistiam. No plano político, estávamos em pleno Estado Novo, centralizado e autoritário, não muito distante de alguns padrões de Estado então legítimos no mundo. Em certo sentido, a vida era mais simples e quase não havia dúvidas quanto aos benefícios do progresso. Como disse um de nossos entrevistados, a fumaça nas cidades industriais era motivo de orgulho, ao contrário de hoje. Nesse contexto, a idéia de uma grande siderúrgica foi abraçada sem hesitação e foi vivenciada – com muita razão, aliás – como um marco na história do país.

Antônio Freschi, topógrafo nascido em São Paulo em 1915, que ingressou na CSN em março de 1942, destaca, em seu depoimento:

A Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda foi a primeira do Brasil. Do Brasil, não, da América do Sul. (...) Todos nós trabalhávamos com entusiasmo. No início de Volta Redonda, nós, os funcionários de uma certa categoria, não tínhamos ponto, bater cartão, esse negócio. Mas também não tínhamos horário, saíamos de casa sem hora para voltar. E todo mundo trabalhava e tinha noção de responsabilidade e de amor ao trabalho. E o entusiasmo nosso era ver a grandiosidade da obra. (...) Siderúrgica Nacional, ninguém sabia o que era siderúrgica. Ouvia falar em siderurgia na Itália, na França, na Alemanha, nos Estados Unidos... Então, o pessoal queria trabalhar para aquele negócio sair logo, para ver sair o aço da aciaria, ou sair o gusa do alto-forno. O entusiasmo era esse: o sujeito tinha em mente a grandiosidade que estava esperando por ele; todos nós: engenheiros, operários, técnicos.

O desconhecimento do que vinha a ser uma usina siderúrgica fica claro com uma deliciosa história contada pelo próprio Freschi:

Eu vim para cá em 1942, cheguei aqui em Volta Redonda em 16 de março de 1942. Vim para cá, me apresentei ao chefe de topografia na ocasião, que era o engenheiro Jorge Chatanier, e ele me perguntou: “O senhor trabalhou onde?” “Eu trabalhei na Light, no Ministério da Guerra, na Secretaria de Educação.” “O senhor fala inglês?” “Falo.” “Então, o senhor vai para a coqueria e se apresenta ao *mister* Morton.” Naquele tempo não tinha muita etiqueta nem carta de apresentação. “O senhor se apresenta ao *mister* Morton.” Eu saí e, fora do escritório, lá fora, eu pensei: “Puxa vida, onde é essa coqueria?” [risos] Eu já era um profissional experimentado, mas de siderurgia não entendia nada. “Onde fica esse *mister* Morton? Não perguntei onde é a coqueria!” Mas, casualmente, eu olhei para a direita e vi um coqueiral lá embaixo. Aí eu falei: “A

coqueria é lá, naquele monte de coqueiro.” [risos] E lá fui eu para coqueria, onde tinha os coqueiros. Lá chegando, tinha um senhor fumando um charuto, mal encarado, e eu procurando o tal *mister* Morton e ele me perguntou: “*What are you looking for?*” E eu disse: “*I’m looking for mister Morton.*” Então, ele respondeu: “*I am mister Morton.*” Ele era o *mister* Morton e lá foi feita a coqueria, no coqueiral. [risos] E eu pensei que o coqueiral fosse a coqueria.

O engenheiro metalúrgico Renato Azevedo, nascido em São Gonçalo do Sapucaí, MG, em 1916, funcionário da companhia a partir de 1941, quando foi para os EUA trabalhar durante dois anos no projeto de construção da usina, teve a oportunidade de observar o orgulho pelo trabalho em todo o corpo de funcionários:

Havia muito entusiasmo. Volta Redonda era muito importante para o Brasil, todo mundo, de modo geral, estava orgulhoso. O sujeito enchia a boca quando falava: “Trabalho em Volta Redonda, sou de Volta Redonda.” Era um nome que o Brasil inteiro respeitava, admirava. Era um serviço pesado, mas que se fazia com satisfação, com interesse e satisfação. Tinha o lado profissional e tinha o lado patriótico. (...) Eu me lembro que, quando diretor industrial, nós tivemos a oportunidade de criar um serviço psicotécnico aqui, e uma das atividades era fazer uma entrevista quando a pessoa se desligava da companhia, para saber o que ela pensava da companhia, o que ela achava de bom e de ruim. Isso era feito com pessoas de qualquer categoria: operários, técnicos... Naturalmente as opiniões eram bastante diferentes, individuais, elogiando algumas coisas, criticando outras... Mas um fato era permanente — pelo menos na época em que eu fui diretor, em que tinha contato e sabia dos resultados: todos eles diziam que se orgulhavam de ter trabalhado na Companhia Siderúrgica Nacional.

Entre os demais entrevistados, essa opinião também é compartilhada. Paulo Gomes Ribeiro, nascido no Rio de Janeiro em 1923, que ingressou na CSN em 1942 e fez a carreira de auxiliar de escritório a superintendente, concorda integralmente:

Eu acho que a Siderúrgica — e não é por mim, não, mas por todos aqueles que foram da fundação da companhia, de 42 em diante —, a Siderúrgica teve o sucesso que teve porque foram esses pioneiros que fizeram a companhia. E eu tenho orgulho em dizer que fui um deles. Tenho orgulho e digo isso até com vaidade. A Siderúrgica Nacional foi uma escola para mim. Foi ela que formou toda a minha personalidade profissional. Eu tenho grata lembrança e chego até a me emocionar quando falo da minha vida na Siderúrgica Nacional. Foram 25 anos da minha vida toda.

O engenheiro elétrico José Moraes, de Brasópolis, MG, nascido em 1922, que começou sua carreira na CSN em 1952, já em plena operação da usina, resume:

A Companhia Siderúrgica para mim foi uma grande empresa na qual eu me projetei e me realizei, porque eu amava muito a companhia, assim como todo o funcionário da minha época. Também tinha-se aquele espírito de trabalho e de patriotismo, porque estava-se não só trabalhando para a Companhia Siderúrgica Nacional, mas também para o Brasil.

Seu Juca, na verdade José Henrique Dias, nascido em Lavras, MG, em 1914, pedreiro no departamento de construção civil e trombonista da banda de música da CSN desde 1942, sentencia:

Esta companhia, a cidade de Volta Redonda, vou dizer com franqueza, é uma das pioneiras do progresso do nosso país. Esta usina maravilhosa, grandiosa, dá trabalho para muitos operários, muitas famílias, de maneira que eu gostaria que existissem outras do mesmo porte desta, uma dezena de siderúrgicas do porte desta.

Verifica-se que, ao orgulho em relação à usina juntam-se elogios com relação às condições de trabalho, que contrastavam com as anteriores. No caso de seu Juca, assim como no caso de muitos técnicos e operários que foram parar em Volta Redonda, a construção da usina e da cidade significava possibilidade real de trabalho e remuneração acima da média. E é claro que todas essas vantagens passaram a ser associadas à instituição dos direitos trabalhistas. Como diz claramente Bergonsil de Oliveira Magalhães, natural de Ubá, MG, onde nasceu em 1925, e secretária na CSN desde 1943 até 1975:

Volta Redonda apareceu para mim como uma sorte na minha vida, porque foi em uma fase muito dura da nossa família. Eu havia perdido meu pai e encontrei essa maravilha de Getúlio Vargas ter construído esta grande usina, que é a paixão de todos nós que estamos aqui até hoje. (...) Para a história do Brasil, a CSN foi uma grande vantagem, porque ela fez crescer muito o nosso país com a indústria siderúrgica. Para mim foi uma realização que fez o meu grande futuro. Não sou uma pessoa rica, mas tudo devo à CSN.

Seu Juca considera Getúlio Vargas um divisor de águas no que diz respeito às condições do trabalhador:

Olha, Getúlio Vargas, para mim, foi um grande presidente. Para nós então, operários — vou falar —, ele foi um deus. Eu me lembro que antes do Getúlio, meus antepassados, meus avós, passaram por essa situação: o operário não tinha garantia nenhuma. O sujeito trabalhava tantos anos, conforme eu vi, o camarada trabalhava, ficava velho, adoecia... Se não tivesse um familiar em condições para ajudá-lo, ia para uma esquina pedir esmola com o pires na mão. Aí entrou o Getúlio Vargas e logo criou o INPS.³ A pessoa então já tinha as condições de aposentar, se adoecesse já tinha assistência médica, criou as leis trabalhistas, então foi um deus do pessoal pobre. E aumentou o serviço, com essa usina e outras mais. Ele foi um grande presidente e que Deus o tenha no reino da glória.

O engenheiro Renato Azevedo deixa claro o papel que cabia à CSN como modelo de instituição dos direitos trabalhistas: “O Getúlio queria que Volta Redonda fosse um exemplo de como uma indústria deve tratar o operariado.” Não raro a cidade recebia o chefe de Estado nas celebrações do 1º de Maio, especialmente nos anos 1950, durante o segundo governo Vargas. Nessa época, a primeira pesquisa de padrão de vida realizada em âmbito nacional pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, tendo como objeto mais de três mil famílias de operários em cerca de 60 cidades e vilas, apontava Volta Redonda como a quarta cidade de maiores recursos médios entre os operários, superada apenas por Porto Alegre, Santos e São Paulo. Cada família recebia então aproximadamente o dobro do maior salário mínimo em vigor, o do Distrito Federal, tabelado em Cr\$ 1.200,00. Das cidades mais bem situadas, Volta Redonda era a única em que as despesas dos operários eram inferiores às receitas, o que revela que era possível ao operário da CSN formar um pequeno pé-de-meia.⁴

³ Refere-se certamente aos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs), e não, nesse momento, ao INPS.

⁴ Para a pesquisa de padrão de vida, ver Comissão Nacional de Bem-Estar Social. Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. *Pesquisa de padrão de vida. Sinopse preliminar de resultados*. Rio de Janeiro, MTIC, 1953, 5 v. (mimeo.), e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil 1953*. Rio de Janeiro, IBGE, Publicação anual.

A posição privilegiada da CSN no que diz respeito aos direitos sociais não significava, contudo, que todas as determinações da Consolidação das Leis do Trabalho fossem seguidas pela companhia. É o que afirma, por exemplo, o primeiro presidente eleito do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, Allan Cruz, nascido em Sapé de Ubá, MG, em 1923, que ingressou na CSN como servente em 1942. Segundo Allan Cruz, sua gestão, entre 1951 e 1953, consistiu basicamente em reivindicar aquilo que já estava legalmente reconhecido:

Eu estudava a Consolidação dia e noite, gravei aquilo tudo, citava aquilo de cor. [riso] O artigo tal, eles estão deixando o artigo tal, e assim eu fui. Aí comecei a catequizar e a filiar... (...) Porque a Siderúrgica não pagava hora noturna, não pagava férias em dobro ... Então as reivindicações que eu fiz foram todas dentro da Consolidação.

Não há dúvida, entretanto, que o funcionário da CSN gozava de um padrão de vida acima da média. Como a companhia necessitava dos funcionários e em Volta Redonda não havia condições de habitação, a moradia era fornecida pela CSN: os alojamentos ou os hotéis, para solteiros, e as casas de alvenaria, distribuídas para os casados ou arrimos de família. Naturalmente os funcionários mais especializados tinham prioridade, como bem registra João Siqueira Lopes, técnico de tijolo refratário, o tijolo usado em fornos de altas temperaturas, cuja capacidade de trabalho foi reconhecida por outros entrevistados. Nascido em Conselheiro Lafaiete, MG, em 1916, João Siqueira Lopes trabalhava havia 12 anos na Belgo-Mineira, já em sua especialidade, antes de transferir-se para a CSN, em 1944. Além de dobrar de salário, logo recebeu uma casa da companhia:

Na época eles dependiam muito de gente. Então eles davam toda a prioridade ao pessoal que era especializado, conforme deram para mim e para muitos outros. Estava na época de construção de casa, aquela coisa toda, então era problema, porque todo o mundo queria casa. Então as prioridades eram sempre para os profissionais, e eu também fui um dos felizardos, porque com um mês, acho que um mês e pouco, eu ganhei uma casa.

José Moraes, que já encontrou o cenário urbano erguido, em 1952, lembra de suas primeiras impressões:

A impressão de Volta Redonda era uma impressão *muito* boa, era *completamente* diferente das cidades do interior do Brasil. Eu achava tudo *muito* limpo, as casas não tinham muro, era tudo estilo americano, tudo ajardinado. Então, saúde, a condição sanitária da cidade era ótima, tudo muito bem organizado e, pela vida assim, uma rotina saudável e de trabalho. O pessoal vivia para o trabalho. Era aquela comunidade que vivia para o trabalho, vivia para a usina, e eu gostei daquilo, sabe? Achava a cidade muito limpa, a cidade era nova...

Os funcionários da CSN e seus familiares tinham à sua disposição um hospital da Companhia. Olézio Galotti, nascido em São João da Boavista, SP, em 1920, ingressou no hospital da CSN em 1946, como ortopedista e traumatologista e, mais tarde, cirurgião plástico e reparador. Sobre a rotina do hospital, ele conta:

A rotina do dia-a-dia era para atendimento da família siderúrgica e com especial atenção para a parte de acidentes do trabalho. E havia um ambulatório especialmente para atender acidentes de trabalho. Nesse ambulatório tinha até um enfermeiro fabuloso, o Otacílio Clementino de Sá, que foi um dos homens mais excepcionais que já vi na vida — o método, a eficiência dele para trabalhar era uma coisa de louco. O nosso atendimento de acidentados era uma coisa tão bem feita que não usávamos soro antitetânico como preventivo de tétano. Chegava um ferimento, nós lavávamos com água e sabão, desbridávamos direitinho, costurávamos, fazíamos tudo e nunca tivemos um caso de tétano. Esse Otacílio era um sujeito formidável por causa disso. Era um sujeito caprichoso. Ele entrava no ambulatório às sete em ponto e fazia o ritual de montagem das coisas do ambulatório, que era uma verdadeira missa, era todo dia a mesma coisa. Perfeito! (...) No hospital tinha tudo: o raio X, laboratório, tudo. Para a época, era um hospital mais equipado do que o comum. Basta dizer que as enfermeiras eram enfermeiras Ana Néri, e tinha muitas enfermeiras Ana Néri. O primeiro prédio da rua 46, à direita de quem vai para a Escola Técnica, era o hotel das enfermeiras. Ali, só tinha enfermeira.

Os funcionários da CSN sentiam-se portanto duplamente orgulhosos: de um lado, participavam da missão de construir uma grandiosidade que mudaria a cara da economia do país e, de outro, trabalhavam em uma empresa reconhecida por garantir um bom padrão de vida a suas famílias. Não é à toa,

portanto, que a lembrança dos primeiros tempos de CSN vem misturada a um sentimento de que era então possível construir o país, por maiores que fossem os desafios. Como diz o topógrafo Freschi:

A importância da CSN para o Brasil é que mudou inteiramente o pensamento do brasileiro de que ele não era capaz de fazer isso, uma coisa tão grande. E fez a coisa tão grande. E quando eu olho para a usina, o orgulho que eu sinto é difícil de explicar. Quando eu vim para cá, não tinha nada. Isso aqui, por exemplo, onde eu moro, era um laranjal. Lá embaixo, na Vila, também um laranjal, um brejo cheio de mato. Do outro lado do rio, o Retiro, hoje é uma cidade maior do que isso aqui, na margem esquerda do Paraíba. Então, eu olho para isso aqui, vejo e digo: “Puxa vida, em 1927, quando eu comecei a minha vida, quando é que se podia imaginar que nós, brasileiros, seríamos capazes de fazer uma coisa tão grande como nós fizemos aqui em Volta Redonda? Isso foi a cidade que mais cresceu no Brasil — porque de uns tempos para cá ela parou, mas em 52, 53 já era uma grande cidade, já era grande isso aqui. E foi feito tudo às pressas, correndo, foi muito rápido. Então eu sinto essa alegria.

Estamos, pois, falando de uma época em que trabalho e progresso caminhavam juntos. Sob o pano de fundo da situação atual, em que vigoram a globalização, a desindustrialização, o desemprego, a privatização – tudo isso temperado com o espírito de incerteza da virada do milênio –, o êxito de Volta Redonda e da CSN nos anos 1940 e 1950 ganha um realce especial.

3. O orgulho do trabalhador

Na rememoração da epopéia que foi a construção da usina, quase sempre aparece uma profunda admiração pelo trabalhador brasileiro, que superou as adversidades de sua formação e mostrou grande eficiência. Igualmente despreparado como hoje, e até analfabeto, o trabalhador brasileiro dos anos 1940 e 1950 é apontado por muitos dos pioneiros da CSN como o verdadeiro responsável pelo sucesso da empreitada. Alguns depoimentos são comoventes e podem servir de alento e de alerta, hoje em dia, diante da depreciação geral de nossa mão-de-obra e da dúvida sobre nossa capacidade de competir na economia globalizada.

O secretário Célio Ramos, nascido em Cachoeiro do Itapemirim, ES, em 1915 e funcionário da CSN a partir de 1944, faz questão de destacar:

Eu acho que falei dos operários que vieram em 1942, 43, que nunca viram siderúrgica, nunca viram nem cidade, nunca viram nem automóvel. (...) Então esses americanos pegaram assim a nossa turma... 70% tudo analfabeto, analfabeto que nem falar como gente eles sabiam. Eles pegaram esse pessoal, transformaram esse pessoal analfabeto nos melhores técnicos da América Latina. Eu às vezes conversava com os americanos aí, e eles diziam assim: “Nós nunca vimos nos Estados Unidos um operário ser técnico como o brasileiro é. Porque nos Estados Unidos nenhum operário entra para a fábrica sem ter ginásio — naquele tempo era ginásio; aqui nem professores eles conhecem e tem técnico maravilhoso aqui.” Eles se entusiasmavam demais. O grande percentual do nosso operário, dos nossos técnicos famosos procurados pela Usiminas, pelas firmas que foram se formando, começou sem saber nada. Eu fico muito orgulhoso com isso. O brasileiro é uma coisa fora de série! E os elogios que eles faziam! Tanto que eles levaram alguns para lá, levaram para os Estados Unidos. (...) Então eu queria alertar para esse caso do pessoal americano e dos nossos técnicos: que talvez sejam poucos os casos no mundo em que tenham pegado pessoas completamente fora do ramo, e transformaram essas pessoas em grandes técnicos. Hoje a usina siderúrgica é famosa em toda a América Latina, mas só pode dever a esse pessoal analfabeto, entendeu?

Nélson Muniz, engenheiro nascido em 1924, que ingressou na CSN já na fase de expansão, em 1954, depõe, em relação à função de pedreiro especialista em tijolo refratário:

No Brasil não havia pedreiro refratário fácil; era muito difícil você formar o pedreiro refratário, porque ele era especificamente de uma indústria siderúrgica, e aqui no Brasil praticamente não tinha indústria siderúrgica. Indústria siderúrgica em escala industrial, a primeira foi essa. Então, o que a companhia teve que fazer? A companhia praticamente teve que *roubar* operários lá de Minas Gerais para vir para cá, que aprendiam só na experiência, mais nada, quase tudo analfabeto, mas tinham grande experiência, e às vezes pessoas inteligentíssimas.

Paulo Ribeiro é outro que enaltece a capacidade do trabalhador nacional:

Os nossos, brasileiros, lá na usina, eles é que comandavam tudo, faziam tudo. O americano simplesmente explicava como era e daí para a frente deixava nas mãos deles. A usina de Volta Redonda foi construída sob a *orientação* da Mc Kee, mas na verdade foi construída *pelos brasileiros*. De resto, o brasileiro é extremamente competente em tudo que dão para ele fazer, não tenho dúvida disso.

Sempre em contraposição à capacidade dos americanos, Antônio Freschi fornece um exemplo:

Os americanos não acreditavam que nós seríamos capazes de fazer o que nós fizemos. O brasileiro — eu falo isso com autoridade, credenciado mesmo — é a raça mais inteligente do mundo. Sabia disso? Por exemplo, o americano veio para cá e ficou aqui quatro, cinco anos, ou ficou dois anos, três... Uns ficaram mais tempo e outros foram embora logo. Mas os que ficaram na construção da usina de 42 a 45... O sistema deles é o inglês, pé e polegada: um pé tem 12 polegadas. Então, eles não se familiarizavam de jeito nenhum com o sistema métrico. E os brasileiros, inclusive os operários, carpinteiros, o pessoal que fazia concreto, mestres-de-obras, todos eles num instante se familiarizaram com o sistema inglês. Nós, os brasileiros, pegávamos os desenhos americanos e interpretávamos aquilo com a maior facilidade. Nós, que eu digo, éramos os técnicos. Mas os operários também, os ajudantes lá sabiam fazer. Nós temos um pessoal inteligente. Então, de tudo isso eu me lembro. Hoje é difícil encontrar um técnico bom, porque tudo é muito fácil. Naquele tempo tudo era feito na unha.

A comparação com hoje em dia traz uma relação curiosa: quanto mais desafios a vencer, maior a capacidade do trabalhador brasileiro. Como hoje é tudo “muito fácil”, não se coloca mais o trabalhador à prova.

De um lado, os depoimentos dos pioneiros são declarações de fé na capacidade inata do brasileiro, comprovada por pelo menos dois dados objetivos: a comparação com os americanos e o êxito da usina de Volta Redonda. O brasileiro é eficiente e bom por natureza. De outro lado, contudo, por contrastarem com as avaliações atuais, os mesmos depoimentos revelam que esse culto do bom brasileiro vem caindo em desuso.